



TRIBUNAL LIVRE

8
Dezembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIR. PAULO BARBOSA DE MACEDO TITULO ANTONIO JOSE DA COSTA CHEFE DE REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO
PROPRIEDADE IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO Impressão e Redacção: LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR 161 2013 — AMARÉS

UMA MARCANTE EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA

Por tudo o que chegou até nós, da grande exposição agrícola do Porto, concluiu-se que foi uma das mais sérias manifestações da vida agrícola portuguesa, que interessou, não só a massa das populações rurais que frequentemente a visitaram, mas sobretudo toda a pléiade de homens responsáveis pela direcção dos serviços agrá-

rios no nosso País, inclusivamente, os dirigentes corporativos e membros do Governo. Durante todo o período de tempo em que esteve aberta ao público, passou ali em revista, grande parada dos valores nacionais ligados à agricultura, cooperando uns na execução material do grande aconteci-

(Continua na 2.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARÉS

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

•••

Razão tem Elisée Reclus, quando afirma, com toda a autoridade de eminente etnógrafo, que «são os minhotos os melhores habitantes de Portugal...» e tem-se observado que o êxito das revoluções nacionais e a fortuna dos partidos dependem principalmente da atitude tomada pelas enérgicas populações nortenhas» (Géographie Universelle).

A parte os excessos e velhos preconceitos da nobreza, a tradicional família minhota também sempre se distanciou e manteve a dentro dos sentimentos da sua natural dignidade, especialmente nesse aspecto da franca oposição e combate ao casamento desigual, em que os mal entendidos ou intencionados, vendo só pelo lado material o amor da fazenda, da conveniência e do interesse, sem considerar que além de tudo o mais seria o desejo de encontrar as qualidades de sangue e de raça, a verdade é que todo este sistema tendeu a evitar um maior parcelamento e consequente depauperação do património rural.

E assim é que, uma vez que de longe se consolidou a estabilidade da Família Portuguesa, com os filhos e os netos a nascerem e morrerem na mesma casa e leito onde nasceram e morreram seus pais e avós, a formar extensa cadeia de sucessivas gerações, *herdadeiros*, os seus verdadeiros descendentes poderão hoje e sempre orgulhar-se de possuir um tudo-nada dessa nobreza que faz a antiguidade das coisas, quando mais não seja a de serem herdeiros de modestos obreiros dos alicerces da Nacionalidade.

Vasconcelos é Honra

V

Posto o tema das montanhas, com o encerramento dessa porta até então sempre escancarada a toda a espécie de tropelias guerreiras, de hordas muçulmanas que dirigidas de leste contra os muros de Compostela, por evitarem a frequência dos cursos de água e o acidentado do terreno, por aqui vieram depois a escorregar, cair sobre a antiquíssima e nobre cidade dos arcebispos; ou dos próprios vizinhos que, tornando-se ainda mais impertinentes e odio-

(Continua na 6.ª página)

Colaboração do Ilustre Escritor Senhor Manuel de Boaventura

Dá-nos a honra de colaborar no nosso jornal, pela segunda vez, com promessa de continuar, o escritor muito ilustre, Senhor Manuel de Boaventura, desvanecendo-nos o interesse que devotadamente dedica às coisas da nossa terra, demonstrado no esforço dispendido na elaboração de toponímia que nos enviou para publicar. Chamamos a atenção, para a Tribuna das Artes e das Letras, da 5.ª página, em que se dá começo à referida publicação.

SEJA BARRISTA

Anuncie no número especial do fim do ano — aniversário deste jornal — quer viva no concelho ou fora dele.

A comemoração do 1.º aniversário do nosso jornal

No próximo dia 31 do corrente, passa o 1.º aniversário do nosso jornal. Gostaríamos, caro leitor, de o comemorar condignamente, tendo em conta dois aspectos.

Um, o festivo, por meio da publicação de um número-especial e da realização de um jantar de confraternização entre os colaboradores e as pessoas amigas do jornal.

O segundo aspecto, o administrativo, dando um im-

PROSELO RESPONDE À INÉRCIA Uma manifestação de vitalidade e recolha de donativos para a electrificação da freguesia

O povo é assim: ajoelha a pedir, mas se teimam em não o compreender, ergue-se altivo e busca no seu esforço brioso a solução que lhe negaram e que ele julgara tão justa.

Há muitos meses que foi inaugurada a escola oficial de Proselo com a presença do Ex.º Governador Civil e demais autoridades do concelho. Então, pela

voz dum representante da Junta de Freguesia foi dito:

— Vê V. Ex.ª, Sr. Governador, que a distância a vencer para a electrificação desta freguesia é de 250 metros somente, todavia e não obstante a luz naquelas locais estar instalada há vinte anos, continuamos a aguardar que ela chegue até nós.

E mais adiante:

— Com a ajuda de V. Ex.ª estamos certos que, finalmente, chegará até estas terras o movimento renovador que o Governo sustenta através do País e que já impôs a nossa época como a da reabilitação nacional.

Sua Ex.ª o Sr. Governador não deixou de providenciar, como sempre faz, pela solução do assunto, todavia, e continuando uma situação angustiosa de apatia, o nosso Município não

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 6.ª página)

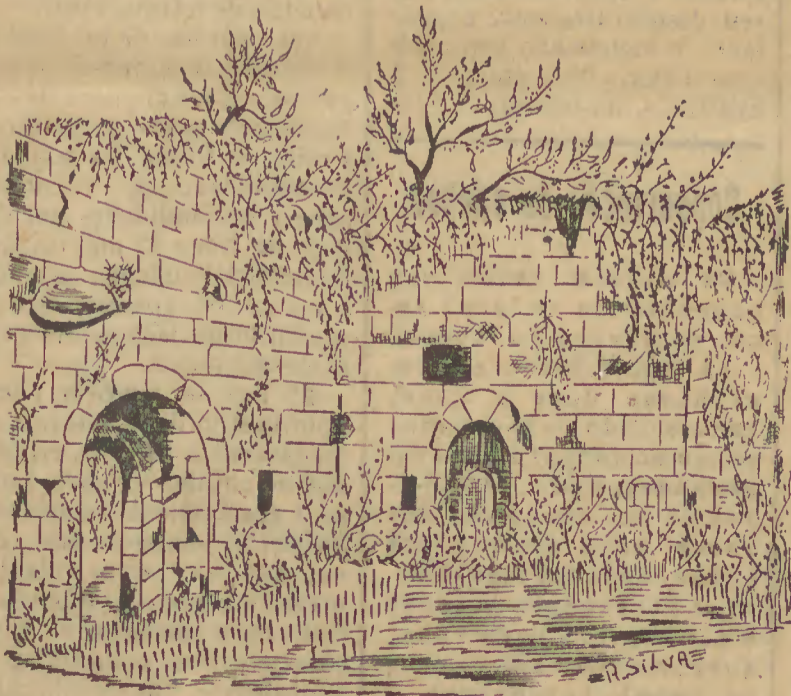
Tribuna de Vila Verde

Ao assumir as funções de correspondente oficial de a «Tribuna Livre» cujo semanário se publica no nosso vizinho concelho de Amarés, de tantas tradições, faço-o da melhor vontade e agrado, por se tratar de um jornal desempoeirado e criterioso que, não só trata com paixão e afinco os assuntos de jornalismo, como defende os interesses do seu concelho e até os de outros concelhos, como se vem verificando.

Jornal de bom aspecto gráfico — salvo o meu modesto parecer — tem já garantido um futuro próspero e estou certo que, a sua expansão no concelho de Vila Verde, onde conta já inúmeros assinantes, será dentro em breve, uma realidade premente.

Por nós, que não somos

(Continua na 4.ª página)



Ruínas do Solar e Honra de Vasconcelos

TRIBUNA AGRÍCOLA

Procura de água subterrânea

A procura de águas subterrâneas não é, na generalidade, problema simples. É certo que em alguns casos, por métodos empíricos umas vezes, por intuição outras, conseguem-se indicações que mais ou menos satisfazem; mas é certo igualmente, que, com grande frequência, as indicações fornecidas induzem os que, a todo o custo, procuram obter água para regar as suas terras, a fazer gastos elevados sem qualquer resultado, porque a água não aparece. Ou, se se encontra, é em quantidade tal que não compensa o dispendio que a sua busca originou.

Pode, no entanto, a observação do terreno dar-nos da existência imananciais de pequena profundidade, mas não devemos surpreender-nos se apesar de bons indícios a água não aparecer.

Quando as águas existem a pouca profundidade e não se encontram separadas da superfície do terreno por qualquer camada impermeável, a água sobe por capilaridade, tornando a superfície do solo húmida assim como a camada de ar em contacto com o terreno; neste caso a existência de água pode ser reconhecida por diferentes métodos empregados desde remotos tempos.

1.º—Consideravam os antigos como bom indício da existência de água a pouca profundidade o aparecimento, sobretudo da parte da manhã, ao nascer do sol, ou antes, de uma névoa, um ténue, nevoeiro, em determinados pontos do terreno. Tais névoas ou nevoeiros todos têm observado nos vales. Quando aquele fenómeno se observa há probabilidade de encontrar água, a pouca profundidade nos pontos onde foi notado. Não deve, porém, dar-se grande valor ao início porque o fenómeno pode ser provocado por humidade conservada à superfície por uma camada de terreno impermeável subjacente que retém o líquido naquele ponto do terreno.

Por outras palavras: a superfície existe uma camada permeável que a água atravessa facilmente; após esta camada uma outra existe, impermeável, que retém essa água, a qual evaporando-se e com ar fresco dá origem àquela névoa ou nevoeiro, que nos induziu em erro.

2.º—Condensação do vapor da água existente no solo.

Consiste este método em abrir, no terreno, uma cova com a profundidade de um metro, pouco mais ou menos e, ao fim da tarde, colocar aí de boca voltada para baixo,

qualquer recipiente um vacio de metal ou baso de barro, sendo preferível aquela; na manhã seguinte verifica-se no interior do recipiente há gotas de água, provenientes da condensação de vapor de água, que se tenha evolado do terreno. Tais gotas seriam indício da existência, no terreno subjacente, de qualquer manancial.

Não é difícil ver que este método, que é muito empregado, apresenta os mesmos inconvenientes que o anterior: pode haver pouca água, quase só humidade e obter-se resultado, em contrapartida, pode existir no local ou muito próximo um manancial que poderia fornecer bastante água, mas coberto por uma camada impermeável e o resultado seja negativo.

3.º—Considera-se também como bom indício da existência de água em determinado ponto quando aí aparecem em quantidade, as plantas hidrófilas, que são como todos sabem as que exigem humidade abundante para desenvolver sendo assim, é lógico admitir que nos locais onde haja estas plantas vegetais, água subterrânea a pouca profundidade.

As mais características plantas hidrófilas são os vários juncos, o bunho e algumas mais, que aparecem sempre em conjunto com aquélas.

Quando as águas ficam muito a superfície—a menos de dois dedos e meio ou três metros de profundidade, o seu curso é geralmente assinalado por aquélas plantas.

Deve porém ter-se em conta que os juncos, bunhos etc., podem também desenvolver-se em pontos onde perto da superfície exista uma camada de terreno impermeável, que retenha a água necessária ao seu desenvolvimento, e portanto, o indício não tem qualquer valor. No entanto, a existência, no terreno, de plan-

Conservação de adubos

Os adubos devem ser conservados em local seco, ao abrigo do tempo.

As sacas devem ser empilhadas duas a duas, lado a lado, alternadamente ao comprido e atravessadas, como os tijolos de um muro. Não colocar mais de dez por pilha, evitando colocá-las directamente sobre o pavimento; para isso, cobrir o chão com cartão ou papel betuminoso e sobre ele um estrado de madeira; evitar arrumá-las contra a parede.

UMA MARCANTE EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA

(Continuação da 1.ª página)

mento e outros comunicaram-lhe e insuflaram-lhe os valores espirituais, que vieram completar os seus benéficos fins, com palestras culturais e técnicas, que fizeram desta grande exposição, efectivamente, um certame marcante na vida nacional.

Logo de início, S. Ex.ª o Sr. Subsecretário de Estado da Agricultura, ao proceder à inauguração, afirmou-se impressio-

Aos produtores de milho

A fim de que a F.N.P.T. possa ter conhecimento das quantidades de milho que virá a adquirir à Lavoura, no intuito de orientar o seu armazenamento, torna-se necessário que os produtores que desejem entregar este cereal à Federação façam, nos Grémios da Lavoura que têm os seus serviços a cargo, a respectiva declaração de venda nos prazos estabelecidos que têm de ser rigorosamente respeitadas.

Até 31 de Janeiro—para os milhos produzidos nos distritos de Braga, Bragança, Porto Viana do Castelo e Vila Real.

Chama-se a atenção para o facto de ser indispensável rectificar as declarações no prazo indicado e entregar as quantidades declaradas.

tas hidrófilas, devem ligar-se mais importância que os métodos anteriormente apontados; em Espanha, especialmente na Estremadura, onde em diversas partes aparecem juncos em quantidade elevada, aproveitando este indício têm-se encontrado alguns mananciais de relativo valor.

Nos pontos onde bem se desenvolve o vimeiro, o salgueiro, alguns choupos de que não fiquem perto de qualquer ribeiro ou riacho, há também probabilidade de encontrar água a profundidades que variam de três a 15 metros. Mas é também frequente, quando o manancial aparece, ser de caudal insuficientemente para alimentar poços.

4.º Tem-se também como bom indício da existência de mananciais a pouca profundidade em determinado ponto, o aparecimento de animais hidrófilos—animais que, como aquelas outras plantas preferem terrenos húmidos. Entre esses animais como mais característicos, colocam-se as lombrigas— as conhecidas minhocas—e alguns insectos; tem muito pouco valor este indício

nadado, nos seguintes termos: «Esta Grande Exposição Agrícola representa valioso contributo dado ao Movimento de Intensificação Agrária, e eu não posso deixar de me confessar extremamente satisfeito e agradecido à Câmara Municipal do Porto pela sua realização. É sem dúvida impressionante e excede a minha expectativa o que me foi dado ver, embora viesse preparado para assistir a uma demonstração de harmonia com as tradições do Palácio de Cristal».

Marcou de facto o novo Palácio, aquela posição que se estava desde há muito acostumado a ver e que culminou na nunca esquecida Exposição Colonial. Por isto se constata a nitida importância deste acontecimento, que se impressionou tão abertamente S. Ex.ª, muito mais deveria ter surpreendido e influenciado no carácter por vezes rotineiro do nosso agricultor.

A Nova Variedade de Cevada: a «Protector»

Os cientistas agrícolas britânicos produziram uma nova variedade de cevada híbrida, que nas experiências efectuadas, no decorrer de vários anos, deu um rendimento de, aproximadamente, 25% mais do que qualquer outra variedade.

Esta nova variedade de cevada de bom crescimento em terras ligeiras e resistente às condições da seca, denomina-se «Protector», e é um cruzamento da «Plumage Archer» britânica e os tipos dinamarqueses «kenya». A nova espécie de elevada produção herdou a palharia e curta da cevada dinamarquesa «Kenya», e as qualidades de germinação da britânica «Plumage Archer».

Tudo não será porém demais, nem mesmo suficiente, para quebrar a barreira que se tem interposto entre os clássicos e rotineiros processos agrícolas do passado e as fórmulas actuais da moderna técnica agrícola, barreira esta que, cimentada como está na desconfiança do lavrador para com tudo o que é progressivo, desfará contra ela, como o tem feito já, muitas esperanças de uma vida melhor para as classes rurais. Este ponto deveremos em futuro próximo desenvolvê-lo noutro artigo, bem como a relevância do factor psicológico, muito a considerar nos processos que houver de ser seguidos na preparação do agricultor para as grandes tarefas do futuro, pois que, enquanto a agricultura não aceitar a solução dos seus problemas, não poderá nunca a Nação atingir o grau de prosperidade que se espera.

As classes rurais têm forçosamente de serem postas em paralelo com o operariado. Na fábrica, na officina ou no campo, o trabalhador há-de ter nível social idêntico, para que se possa dizer que o corporativismo cumpriu as suas promessas de justiça social, sua principal finalidade, sem o que falhará estrondosamente na sua missão. Acreditamos que se encontrará a solução conveniente.

A exposição a que nos vimos referindo, quanto a nós, foi importante porque contribuiu certamente para influenciar a mentalidade do lavrador na aceitação dos novos processos da técnica agrícola, e também porque permitiu ventilar muitos dos problemas que é necessário encarar de frente, sem tréguas, e provavelmente proporcionou aos orgãos responsáveis pela direcção agrícola do País, rever programas e unificar pontos de vista para a arrancada final que é necessário levar a efeito, com energia, fé e sobretudo respeitando o factor psicológico que permita demover o cultivador, a aceitar abertamente os processos científicos da cultura da terra.

Eme

A Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

TRIBUNA do CONCELHO

Aos assinantes

Caro assinante:

Apróxima-se o 1.º aniversário do nosso jornal e é preciso liquidar as assinaturas antes do fim do ano, até porque antes do aniversário cortaremos o envio do jornal aos que não tenham liquidado o débito.

É preciso ajudar a que o jornal viva e só viverá se todos quiserem. Não esqueça que é o mensageiro semanal que leva a sua casa as notícias da sua terra e os brados de justiça que se não

submetem a interesses mesquinhos.

Especialmente os assinantes da Venezuela, do Brasil e da África, a quem este semanário leva as notícias dos seus parentes e amigos tem um ensejo de ajudar, fazendo um anúncio do seu comércio ou industria e pagando as suas cotas.

Quem está nessas terras não arranja clientela anunciando neste jornal, mas dá aos seus conterrâneos a boa nova de que as suas actividades produziram.

Amares

No estabelecimento de Taberna sito no lugar do Ribeiro, desta Vila, por uma questão fútil, envolveram-se em desordem José Pereira da Silva, menor, residente no lugar do Anjo da Guarda, da freguesia de Prozelos, e João Fernandes Vasconcelos, casado, trolha, residente no lugar do Paço, desta Vila.

O José Pereira jorrava bastante sangue em virtude de ter sido atingido com várias bofetadas.

Registou-se esta desordem devido ao menor José manifestar-se ao arguido João Vasconcelos, pela vitória do seu predilecto club de futebol.

Figueiredo

José Maria da Silva, casado, Proprietário, residente no lugar da Quinta do Sol, desta freguesia, apresentou queixa contra Alberto Cerqueira, casado, industrial, residente no lugar do Bário, da freguesia de Ferreiros, e José Maria Coelho, casado residente no lugar do Outeiro, da mesma freguesia, deste concelho, pelo crime de abuso de confiança, quando da venda efectuada de uma partida de pinheiros.

O queixoso acusa-os de o terem burlado, ao proceder ao corte dos aludidos pinheiros, derrubando mais do que os que se tinham transaccionado.

Caires

Quando uma patrulha da G. N. R. deste concelho, passava em ronda a esta povoação, por proferir palavras ofensivas da moral publica, foi autuada Lucilia da Silva, solteira de 17 anos de idade, residente no lugar do Freixeiro, desta freguesia.

A arguida já é habitual no cometimento destes delitos, pelo qual foi enviada a juízo.

Marco do correio

Abilio José de Freitas—Recebemos uma carta de nosso assinante, em Lisboa, enviando-nos algumas anedotas para a Secção de Humorismo, e ao mesmo tempo umas quadras que publicaremos oportunamente.

Gratos pelos elogios que nos dispensou e em especial à nossa ilustre colaboradora, menina Jandira Fernandes.

Joaquim Rodrigues—Quanto ao seu assunto já lhe respondemos por escrito.

Também já rectificamos a sua direcção e estamos-lhe muito obrigados pela deferência que se dignou dispensar ao nosso jornal.

Amares

Envolveram-se em desordem Carlos Alberto da Silva Tinoco, solteiro, jornalista residente no lugar do Paço, desta Vila, e António José da Silva Ramoa, viúvo, jornalista, também desta Vila.

Desta contenda ficou ferido o Tinoco com uma ferida contusa na perna direita e equimoses no lábio superior.

O ofendido fora agredido pelo Ramoa quando este espancava barbaramente um seu filho e o Tinoco procurava intervir.

Bouro (Santa Maria)

Por ter extraído cerca de quinhentos quilos de cortiça ilegalmente, foi remetido a

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

juízo e ao Senhor Presidente da Junta Nacional de Cortiça no Porto um processo contra Maria de Jesus de Sousa Teixeira, viúva, residente no lugar da Grova, desta freguesia.

Indagado, constatou-se que a cortiça fora vendida por um tal Filomeno «O Cuco», também desta freguesia, e depois de apreendida foi seu depositário Domingos de Jesus Fernandes e o qual subtraiu uma avultada quantidade de cortiça.

Seramil

Artur Martins Rebelo, solteiro, residente no lugar de Assento, desta Freguesia, envolveu-se em luta com Domingos Gonçalves, solteiro e seu irmão Manuel Gonçalves, solteiro, residentes em lugar de Gogide, freguesia de S. Mateus da Ribeira, do Julgado de Terras de Bouro, e lugar de S. Bartolomeu freguesia de Santa Marta de Bouro, deste Julgado, respectivamente.

O Rebelo foi atingido violentamente com uma paulada numa das mãos, quando o Domingos procurava descarregar uma pancada na cabeça do ofendido.

Guões

Envolveram-se em desordem Artur Campos, solteiro negociante, residente no lugar da Venda, desta freguesia, com Antonio José de Sousa, solteiro, residente no lugar de Faquiães, e freguesia de Vilela, ambos deste Julgado.

Desta contenda o Artur de Campos, foi atingido com uma navalha, produzindo-lhe várias feridas pelo corpo e danos no vesúário.

Ainda nesta desordem foi atingido também por uma navalha, um tal Augusto «O Comprido», casado, do lugar da Venda, desta freguesia, produzindo-lhe um leve ferimento num braço e, o Sousa também com um leve ferimento no rosto e numa das mãos.

Album de coisas várias

Continuação da 6.ª pagina

honrem e engrandecem o Jornalismo nacional.

«Diário Ilustrado», pelo que já tivemos ocasião de ver, firma a orientação da sua actividade redactorial por um princípio e um valor que corresponderá de sobremaneira aos interesses e desejos dos leitores dos nossos dias. Quanto possível ilustrado é, como não podia deixar de ser, um optimo e substancioso repositório de prosa agradável e noticioso por excelência. Daqui saudamos o seu Director, Carlos Branco.

J. M. (J.)

Salvé o dia 13 de Dezembro de 1956

Completa na próxima quinta feira, dia 13 do corrente, 56 anos de idade, o Senhor António Bento Dias, conhecido empreiteiro e fornecedor de materiais de construção, do Largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, homem que devido ao seu



esforço, com altos e baixos na vida, conseguiu formar ultimamente um lar feliz.

Pelos seus feitos e por passar mais um aniversário natalício, desejam-lhe uma risonha continuação de saúde, alegria e felicidade e que esta data se repita por muitos anos, na companhia de sua esposa e filhos.

Os operários e o seu gerente de trabalhos

D. Said

Vida elegante

Aniversários

Quinta-feira—A menina Maria Ester Machado, de Crespos.

Sexta-feira—O senhor Acácio da Rocha Barbosa.

Sábado—Os senhores: Joaquim Emilio Monteiro e Manuel António Pereira Janela.

No pretérito dia 1 completou as suas 18 risonhas primaveras o menino António José da Costa, filho extremo da senhora D. Mercedes da Costa e do Senhor Luis da Costa.

Baptizado

Na Igreja Matriz desta Vila de Amares, no pretérito dia 27 batizou-se um filhinho da senhora D. Margarida Rodrigues e do senhor Inocência Rodrigues.

O neófito recebeu o nome de António Manuel Rodrigues e serviram de padrinhos seus primos Senhora D. Mercedes Costa e seu filho, menino Horácio Luis da Costa.

Tribuna Desportiva

Continuação da 4.ª pagina

—Sezabo conhece-o como ninguém...

—Sim. Já me conhece do Porto. Na minha carreira desportiva, a presença de Sezabo tem um papel importantissimo na minha formação. Devo-lhe muito.

A conversa, depois, perdeu-se no emaranhado de coisas comuns e corriqueiras da bola. E despedimo-nos de Pinto Vieira a quem, certamente, está destinado grandes coisas para bem do futebol bracarense e contentamento das dezenas dos seus admiradores que, como nós, vão perguntando há muito: por que se mantém Pinto Vieira ausente da equipa de honra do Braga?

Joaquim Monteiro (Jorge)

HUMORISMO

Curiosidade infantil

O filho para a mãe.

O mamã, como se chama a mãe do burro?

—Chama-se burra, diz a mãe; porquê filho?

—Porque a mamã está sempre a dizer: tu és um burrinho.

Num exame de instrução primária

Examinador para o aluno:

—Quem foi o primeiro rei de Portugal?

O rapaz por mais voltas que desse não acertava. Um garoto que estava atrás do examinador, segredou-lhe:

Foi o vencedor de Cerneja, referindo-se à batalha dada entre portugueses e leoneses, em que D. Afonso Henriques saiu vencedor.

O rapaz julgando ter encontrado o filão, respondeu muito depressa.

—O primeiro rei de Portugal, foi o inventor da cerveja!.

Obdiência filial

Um estudaute à sua hospedeira:

—Gracinda, o que é mais barato: uma arroba de batatas ou um bife?

—Um bife.

—Nesse caso dê-me todos os dias um bife, pois meu pai recomendou-me muita economia.

Assinai

e propagai

a «Tribuna Livre»

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Alguns Topónimos do Concelho de Amares

I

Por Manuel de Boaventura

O estudo do toponímario de uma região é muito importante e base a considerar para complemento da história local.

Uma grande parte do nome das terras peninsulares tem sua origem na orografia e aspecto geral do solo: *chã*, *chainco*, *coto* (outeiro), *inesta*, *montalto pedregais*, *Picotos*, *Coturela*, *Empróa* (inclinada) *Valbom*, etc.

Outros filiam-se em antropónimos (nomes de pessoas), de romanos, suevos, visigodos, árabes,—isto é, dos senhores que possuíram as terras: *Amorini*, *Beirici Guaderici*, *Randulfus*, *Zuleima* etc.

Outros há, e muitos, que não é possível defini-los por agora —a despeito do adiantado da ciência filológica.

Dos meus apontamentos sobre *Toponímario Minhoto*, respigo alguns que se referem ao Concelho de Amares, e propositadamente seleccionados para a "Tribuna Livre".

Não tenho a pretensão de dizer a última palavra: dou o meu parecer e estabeleço analogias, escudado na opinião dos Mestres. De bom grado aceitarei as sugestões e pareceres, de quem me ler, que possam fazer luz sobre o assunto.

A Matriz Predial de cada concelho, é boa fonte toponímica, que pode fornecer preciosos elementos para a Monografia local. Aqueles que dispuserem de tempo para o manusear e recolher os nomes dos locais, onde assentam as glebas, campos, bouças, etc. agradeça que mos forneçassem, para enriquecimento do *Toponímario* e estudo dos vocábulos.

Começaremos pela sede do Concelho e freguesias que o constituem.

Amares

É provável que este topónimo tenha origem em *amiães*, *amiães*, *amiães*—local onde abundam os amieiros.

O erudito Viterbo, in-*Elucidário*, informa: "Foi D. Gualdim Pais de Marecos, natural de Amares (que antigamente se chamava *Marecos*...)". E Xavier Fernandes, in-*Topónimos e Gentílicos*, diz: "*Marecos* e *Marrecos*, que se afirma ter sido o antigo nome de Amares"—o que parece estar em contradição com o étimo proposto—*Amiães*—cuja evolução seria:—*Amiães*, *Amares*, *Amares*, *Amares*. Filologicamente está certo.

Com *Marecos* se deve relacionar *Mareces* e *Mereces* (Barcelos). A raiz *Mar*, *Mer*, é gótica e significa "célebre". Cf. J. Piel, in-*Nómes Germânicos*, 208. O Gaulês *Moros*, "grande", teria dado o latim

Marus, e a caruptela *Mars*—*Mares*.

A adunção da preposição *a* seria racional: "ir a *Mares*—Amares, à casa ou "vila" do senhor *Mares*."

Amária, (ou *Amaria*) é pov. do conc. de Nisa, que se presume derivou do hebraico e sig. "alta, elevada..."

Barreiros

De barrários, lat. *Barrium*, ou *Varrium*. *Bárrios* eram os moradores dos lugares. Viterbo presume que fossem os moradores da "Vila... e *venários* os camponeses.

(*Elucidário*, 125). Adiante diz: "*Barro*. Lugar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo ou abegoria". Piel, in-*Nómes de lugar*", afirma: "A significação de *barr* é certamente «coisa que obstrui», cf. barra, barreira, barrar..."

Em *Barro* pode haver, ainda a raiz sueva *bar*—"o homem", ou local onde vive o homem.

Há, nesta freguesia, o lugar do Barral—possível origem do

nome da freguesia. *Barrêlo* é pequeno cobêcto.

Besteiros

Vulgar na toponomia nacional.

De *balistarius* (balista) bês-ta, arma antiga, que se escreveu *beesteiro-bêsteiro*. Talvez lugar onde se fabricavam bês-tas.

Nesta freg. há o lugar de *Bárrio*—possivelmente o núcleo inicial da povoação.

V. Barreiros.

Bico

Desconheço o local. É natural que Bico, tenha até nome devida à sua orografia, ou a acidente natural do terreno onde assenta, perto da confluência de correntes de água, formando *bico*, ou ângulo.

Continua no próximo número

D. Frei Bartolomeu dos Mártires

O grande Arcebispo da Mitra Bracarense, defensor eminentíssimo, no Concílio de Trento, da Primazia de Braga
«No século XVI, não fomos somente grandes na terra e no mar, fomos também no domínio das ciências teológicas»

(Continuação do número anterior)

Em 31 de Março de 1558, morre em Braga o arcebispo D. Fr. Baltazar Limpo, da Ordem de N.ª Sra. do Carmo.

Governava este reino a rainha D.ª Catarina, por seu neto el-rei D. Sebastião, que ainda era menino.

A rainha manda-o chamar e diz-lhe que por informações obtidas a seu respeito o acaba de nomear arcebispo de Braga; mas ele com a sua grande modéstia não quer aceitar, e a rainha insiste e ele procura desculpar-se; a rainha encarrega de o animar o seu confessor e este muito a custo consegue que ele aceite o arcebispado.

Recebida a confirmação de Sua Santidade, teve lugar em 3 de Setembro a sua consagração, no Convento de S. Domingos de Lisboa, com muita alegria de todo o povo; dera-se por coincidência que no mesmo dia, em tempos passados, fora consagrado S. Gregório Papa, também consagrado e forçado.

Despede-se dos fidalgos da corte, da rainha e do Cardeal infante; sai de Lisboa a 22 do mesmo mês: a despedida foi um delírio sem igual.

Chegou a Braga no dia 4 de Outubro, dia de S. Francisco; pelo caminho por on-

de passava era como em um dia de grande festa e na cidade é recebido com tão pomposas festas como, que recebessem o Papa.

Entra no Paço e muda logo os seus móveis; a cama quer que seja a mesma que tinha quando era noviço e então três tábuas mal lavradas atravessadas sobre dois banquinhos do mesmo labôr, sobre este leito, lançado um enxergão de palha, e em cima seu colchão de lã coberto com duas mantas brancas de pano grosso, que eram os mesmas que trouxe do mosteiro, e eram tão curtas que, segundo sua estatura, por força havia de dormir encolhido e, tão estreita, que não podia mexer muito com o corpo, com risco de cair ao chão. Junto da cabeceira sempre a escudela cheia de água para expulsar o sono, pois que se levantava infalivelmente às 3 horas da manhã. O quarto e mais aposentos eram todos despidos de quaisquer ornatos, era o mais simples e o mais pobre; o seu mobiliário de escritório era um quadrado de madeira com quatro pernas, tendo em cima um cruxifixo, tudo revelando a grande modéstia deste grande e virtuoso arcebispo.

As rendas do arcebispo

Avé Maria

Toda a gente portuguesa
Que na Virgem Mãe confia,
Sempre reza:—AVÉ MARIA
CHEIA DE GRAÇA e pureza.

Por todo o mundo.—O SENHOR
É CONVOSCO,—neste instante,
BENDITA SOIS VÓS,—brilhante
De imaculado fulgor.

—ENTRE AS MULHERES, É BENDITO
O FRUTO DO VOSSO VENTRE—
No mar, na Terra e por entre
Os mundos do infinito.

—JESUS.—Ergamos as mãos
Ao Senhor das criaturas.
Glória a Deus lá nas alturas,
Paz na Terra aos homens são.

—SANTA MARIA—que sentiste bem
A lancinante dor de ver teu Filho
Pregado numa Cruz, porque o seu brilho
Vinha ofuscar o de Jerusalem.

—MÃE DE DEUS,—no teu Ventre concebido
Para remir a triste humanidade
Da vil escravidão, da impiedade
Em que vivia o homem pervertido.

—ROGAI POR NÓS—que andamos neste mundo
Às escuras, sem vermos essa Luz
Que irradiou dos braços duma Cruz
No arranco final dum Moribundo.

—PECADORES—escravos da vaidade,
Do egoísmo fatal que nos povoa
A mente em chamas, fervilhando à-toa
Nos mesquinhos prazeres da iniquidade.

—AGORA—enquanto vivemos,
Nossa Senhora pedi
Ao doce, ao meigo Rabi,
Que puros nos conservemos.

—E NA HORA—que há-de vir,
DA NOSSA MORTE,—algum dia,
Presente estejas Maria
Ao nosso lado a sorrir.

UERBA

eram mais de 20.000 cruzados e que pagando ao rei, o resto tudo era repartido pelos pobres, não guardando para fazer vida de fidalgo, mas sim, sendo rico, vivia como pobre.

Certa ocasião enviaram-lhe umas lampreias como sendo as primeiras daquele ano e como era costume envia-las à rainha, pediram-lhe que as enviasse; este diz: a rainha não precisa das lampreias, mas sim dos pobres de pão; manda vender as lampreias di-

vide o produto em pão, por todos os pobres. A rainha chegou a saber e ficou a gostar ainda mais do arcebispo.

De outra vez apareceu-lhe ao encontro uma mulher pobre a pedir-lhe uma esmola para conseguir comprar roupa para a cama: o arcebispo diz-lhe que na manhã seguinte aparecesse perto da janela do seu quarto, esta apareceu e o arcebispo deu-lhe toda a roupa de sua cama.

Tem muitos casos, na vida
Continua no próximo número

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAÇA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

sos, a cada passo desciam a internar-se por terras da mourama até Viseu e Coimbra, sem extremar, em suas razias e extorsões, terras de cristãos das de infiéis; sem poupar os próprios tesouros dos templos nem as relíquias dos santos, que furtivamente transportaram de Braga para suas igrejas, tem-se presente a magnífica conjugação de esforços que permitiu aos Portugueses do século XII chegar com suas audaciosas investidas às planícies de Ourique, às portas de Lisboa e Santarém.

As terras de Riba-Cávado estavam para a Torre-solar de Vasconcelos como as de Bouro para o seu Castelo.

Sem dúvida, se ali junto do eminente Castelo, S. João do "Campo" tão claramente insinua a ideia de fixidez, inamovibilidade—acampamento—aqui, S. Paio de "Besteiros", de *Balestariis*, fala-nos de agilidade e de movimento, dessa antiga máquina de guerra do tipo da catapulta, destinada a arremessar peloiros ou setas, pedras e frechas contra o campo inimigo; dos "balistários" ou "besteiros" que as fabricavam e manejavam.

Se acolá se nos sugere a preocupação da defensiva, aqui ocorre o pensamento de que tudo esteve prestes para o ataque e assalto, o que certamente está na lógica dos acontecimentos.

Com efeito, devidamente assegurada a defesa da retaguarda neste ponto mais vulnerável da fronteira com a Galiza, aí estão em contrapartida e em linha, assentes sobre terras ribeirinhas, denegridas do tempo, que não as poupou em seu desgaste, ou mal preservadas de mãos profanadoras que não sabem ler em cada uma de suas pedras uma página da sua história, as torres do Outeiro de Dornelas, de Vasconcelos, do Vilar, de Assamaça, de Castro, fora outras de que já mal se descobrem vestígios, como a do Paço de Lago, a testemunhar a participação activa e heróica dos primeiros senhores de Entre Homem e Cávado na fundação e delatção do Reino.

Desertas e solitárias hoje, foram o coração palpitante de que se depreende a força e actividade das gerações passadas, ao vislumbra-se esse quadro de fundo medieval, em que, na acção e a vida dos grandes e pequenos povoados, tudo se movimentava à sua volta.

De sorte mui diversa da do Castelo de Bouro e bem assim da de seus heróicos guardadores, a estas permitiu-lhes a natureza da pedra afrontar os séculos; e os nomes gloriosos de seus fundadores e habitantes, que couraçados e armados de ferro e aço romperam a participar dos êxitos e dos triunfos das armas portuguesas, estes são já, como há-de ver-se, do domínio da História.

Se a Torre-solar de Vasconcelos é uma extensão dos senhores de Lanhoso, e foram ricos homeens e d'alto sangue (Conde D. Pedro), as torres de Dornelas, Assamaça, Castro, Soutelo, Penagate, Azevedo... dentro e fora dos limites de Entre Homem e Cávado, são ramificações de Vasconcelos, numa vasta projecção que alcança os melhores solares de Portugal e da Espanha, chegando a alcançar os próprios tronos.

Se a vida das montanhas toda se articulou ao Castelo de Bouro pelo espaço de tempo que se tornou notável a sua importância real e prática, à volta da Honra de Vasconcelos girou uma boa parte da política do seu tempo, para se suceder depois, e desde os primórdios da Nacionalidade, em verdadeiras dinastias de servidores da pátria, autores e protagonistas das mais heróicas façanhas nos períodos áureos ou notavelmente críticos da vida nacional.

Realmente, dessas pedras em ruínas em que se enclavinham agora as raízes das heras e dos silvados, de mistura com arbustos bravos, levanta-se frondosíssima árvore genealógica multiseccular que, estendendo seus ramos por terras de Portugal e do Império, cobriu-as da mais benéfica e protectora sombra.

Raríssimos exemplos podem encontrar-se na história, de que uma mesma família tenha prestado, no decurso de tantos séculos, tão ininterruptos serviços à sua pátria, como a linhagem de Vasconcelos.

Isto não quer dizer que daqui fossem naturais, mas simplesmente que aqui está a raíz e tronco dos Vasconcelos, o que é bem mais importante.

Os críticos ou censores da literatura do século XVII, em cujo balanço o culto das genealogias e das heráldicas ocupa um dos primeiros lugares, têm buscado todas as razões dessa natural tendência dos literatos do tempo, em muitas causas, menos em que era forçoso e urgente despertar mui discreta e subtilmente a nobreza, da apatia e profundo letargo; desfiar desde as mais remotas origens um encadeamento de gerações sobre gerações heróicas de infanções, cavaleiros e ricos-homens, narrando, senão exagerando os seus altos feitos e triunfos.

(Continua no próximo número)

CALENDÁRIO

8—SÁBADO: Imaculada Conceição da Virgem Maria.

9—DOMINGO: Ss. Leandro e Leocádia.

10—SEGUNDA: Nossa Senhora do Loreto. Santa Júlia.

11—TERÇA: S. Dámaso I (papa português, padroeiro de Guimarães).

12—QUARTA: S. Agnelo.

13—QUINTA: S. Luzia (v. m.) Ss. Autberto e Otília.

14—SEXTA: Ss. Nicácio, sua irmã Eutropia e Cps. mrs.

Comemoração do 1.º aniversário do nosso jornal

(Continuação da 1.ª página)

estais garantidos. Sairá um número especial, com várias páginas, boa-colaboração e assuntos palpitantes. O jantar far-se-á, arrostando-nos com a despesa dos convidados e deixando aos restantes a possibilidade de se inscreverem, para que quem quer que seja amigo não fique impossibilitado dessa noite de incontida satisfação.

É preciso—agora é convosco—que no aspecto administrativo também as coisas se realizem. Tendes a palavra.

Cada comerciante ou industrial que viva dentro ou fora do concelho, tem uma maneira de ajudar a que as finanças se componham, pois as despesas de instalação foram grandes, caso contrário não haveria deficit. Para isso, basta que faça um anúncio no número especial.

Até os que vivem no estrangeiro podem ter um gesto lindo de bairrismo—não pelo interesse financeiro da publicidade—e anunciarem os seus estabelecimentos no dia do aniversário, para contribuir para o desafogo financeiro.

ENVIE-NOS UM ANÚNCIO PARA O NÚMERO ESPECIAL. A inscrição para o jantar é livre para os assinantes.

Proselo responde à inércia

(Continuação da 1.ª página)

deu solução ao assunto não obstante os pedidos que lhe foram feitos.

O activo pároco da freguesia, Reverendo José Miranda, tendo a seu lado o não menos activo parquiano Snr. Abel da Silva e Sousa, começaram a juntar donativos para a realização do seu sonho, cuja recolha se fez no passado domingo.

Trinta e seis carros, transportando os mais diversos materiais e dinheiro, acom-

Album de coisas várias

Sabe meu caro A. S.? Essas coisas não são para se discutirem nos jornais e muito menos nesta secção enquanto eu tiver miolo. A coisa já lá vai e, por isso mesmo, não deve e não tem o direito de me lembrar pecados velhos. Eu sei, eu sei! Deixe-os andar. Homens daquela categoria são uns portentos, uns portentos de desfaçatez.

Está enganado. Eu nunca virei a cara a ninguém. Você nada leu, mas há-de ler. Você e muitos outros. Para já, tenho mais que fazer. A vida é uma grande comédia. Não era preciso ter existido Balzac para nos dizer da comédia da vida. E também não era preciso você ter nascido para me dizer das incongruências da humanidade. Costumo escutar outros mestres, e oriento-me como sei e como posso. E sobre o assunto da sua carta nada mais tenho a dizer. E fique tranquilo: como viu, apenas me limitei às iniciais do seu nome.

Aquilo há-de andar até cair de maduro. Refiro-me a algumas carruagens dos comboios da nossa C. P. Uma incongruência! Os almofadados sujeitos e duros como tábuas, mais se assemelham a ventres enrugados e amachucados de velhas. E frias, santo Deus! Uma autêntica congeladeira. Na sexta-feira, a carruagem aonde viajei até Nine, no comboio das dezoito e trinta e cinco, de de quente que ia até me fez tonturas. Houve o cuidado do aquecimento, mas dum aquecimento asfixiante. Em contrapartida, o comboio que parte de Nine às 8 e 10 para Braga não tem aquecimento nenhum! Rapa-se um frio siberiano. Uma incongruência que até parece significar uma atitude de pouca consideração pelo público. Pois era mais justo, mais certo, mais bem visto que o aquecimento se verificasse nas carruagens daquele comboio matinal, por assim dizer o meio de transporte utilizado por dezenas de estudantes que, coitaditos, embora quentes e ardentes de juventude, não po-

dem deixar de se encolher em qualquer canto frio e húmido. Como nós.

Em conclusão: por que se aquecem demasiado as carruagens que partem, pela tardinha, de Braga (aliás aquecimento quase desnecessário porque as tardes vão deslizando amenas quanto a temperatura) e se mantêm frias e gélidas e húmidas as que compõem os que, de manhã, partem de Nine, especialmente a que se dirige para Braga, que é no que viajamos e cujas condições que nos oferece mereceram de nós esta pequena nota crítica?

* * *

Não quero fechar a crónica de hoje sem me referir, embora ligeiramente, ao novo órgão de Imprensa que apareceu em Portugal desde o passado dia 2 do corrente, "Diário Ilustrado", cujos primeiros números me chegaram às mãos. Trata-se dum quotidiano bem apresentado, que é justo saudar com alegria, pois que nunca será demais dar ao leitor português jornais e revistas que

(Continua na 3.ª página)

**Proselo dá esta lição,
E cheia de boa vontade
Se não vejam meus senhores
Quem dá a electricidade?**

**Digam todos: valeu a pena
A gente meter-se nela
Pois se não fosse o cortejo
Tinha de se andar de vela!**

Outras quadras eram de exaltação aos homens que deram princípio a este movimento de solidariedade bairrista com os organizadores, Padre José Miranda e Abel da Silva e Sousa à frente.

Dezenas de raparigas vestidas com trajes regionais e várias tocatas durante o desfile e depois dele, deram a nota de alegria que esta manifestação nos transmitiu.

Não há memória de qualquer festa realizada na freguesia que tenha juntado tanta gente como não houve ainda movimento deste género feito no concelho que conseguisse tão assinalado êxito.

Proselo vai ter a electricidade em seu seio. Para isso, teve que passar por cima da tristíssima apatia local, numa demonstração cabal de que o quer remove montanhas.

Eis mais uma prova de que o concelho tem possibilidades, simplesmente, não tem homens à altura, onde os deveria ter.

**Há 20 anos a pedimos
(E Amares promete tudo)
Se não fosse o nosso brio
A luz via-se pelo canudo.**